

Blue Notes | Fechamento da Semana | 15 de maio 2020

Riscos locais continuam em alta e riscos externos voltam ao radar. Numa semana com importantes assuntos econômicos como a ata do Copom, que passou a discutir um limite efetivo mínimo para a taxa Selic, e a divulgação de dados muito fracos de atividade de março, que deverá resultar em novos rebaixamentos para previsões no PIB, o ruído político conseguiu prevalecer, com os mercados acompanhando os embates entre Bolsonaro e o ex-ministro Moro, as fricções entre o presidente e as lideranças do Congresso que têm resultado em derrotas em votações importantes e, finalmente, uma nova troca no comando do ministério da saúde. Em síntese, o governo vem operando no 'modo sobrevivência', o que tem dificultado uma resposta coordenada na crise da saúde e confundido o mercado na questão fiscal. Como se não bastassem os riscos locais, focos de tensão geopolítica entre EUA e China voltam ao radar do mercado, complicando ainda mais o cenário.

Dados mensais indicam PIB negativo já no primeiro trimestre.

Os principais dados da atividade econômica de março mostraram níveis diversos de contração com produção industrial, comércio de duráveis e serviços apresentando taxas mais negativas, enquanto o varejo de bens não-duráveis mostrando expansão em resposta à demanda preventiva pré-isolamento social. Na sequência, o Banco Central divulgou sua *proxy* de PIB mensal (IBC-Br) mostrando uma contração de 5.9% m/m, sa em março, perfazendo queda de 2% no primeiro trimestre. Os dados de abril e maio serão inequivocamente bem piores do que os de março e as dúvidas quanto ao ritmo de retomada só aumentam na medida em que o controle da pandemia parece cada vez mais distante. Dessa maneira, parece inevitável observarmos nova rodada de revisões baixistas nas projeções de PIB para esse ano, que estão atualmente em 4.1% de acordo com a pesquisa do Banco Central.



Copom introduz discussão de limite mínimo para Selic.

Embora o temor de desancoragem da inflação para baixo tenha sido o principal fator por trás da aceleração no ritmo de corte de juros, a ata da última reunião do Copom debateu a proximidade de restrições a novas reduções, que seriam derivadas do aumento dos prêmios de risco e recomendam cautela em eventuais estímulos adicionais na política monetária.

Retomada das tensões entre EUA e China entram no radar do mercado nessa semana.

No congresso, os republicanos introduziram um projeto de lei que autoriza o presidente a tomar ações retaliatórias caso o governo chinês não responda às demandas relacionadas à investigação sobre o coronavírus. Após pressões de Trump, principal fundo de pensão de funcionários públicos federais interrompeu o plano de mover parte dos seus investimentos para companhias chinesas. E no final da semana foi anunciada a imposição de um controle de exportação restringindo a fabricante chinesa Huawei de utilizar semicondutores que são originados a partir de tecnologia americana, um dia após Trump ameaçar cortar relações totais com o país asiático. Quão severa será a resposta chinesa ainda é uma incerteza, mas os acontecimentos deixam evidente a deterioração na relação entre os dois países com desdobramentos além do campo tarifário sobre o fluxo comercial. Diante da crescente visão desfavorável da população americana em relação a China, será difícil Trump adotar um tom conciliador até as eleições em novembro.